



**Oficina do Saber**

*"A Arte da Educação"*

## A SOMBRA E A ESCURIDÃO

Quando o chefe índio perguntou à personagem de Kevin Costner, já próximo ao final do filme, se ainda viriam muitos "homens brancos" ouviu a resposta que mais re-ceava: sim, eles virão, e serão muitos.

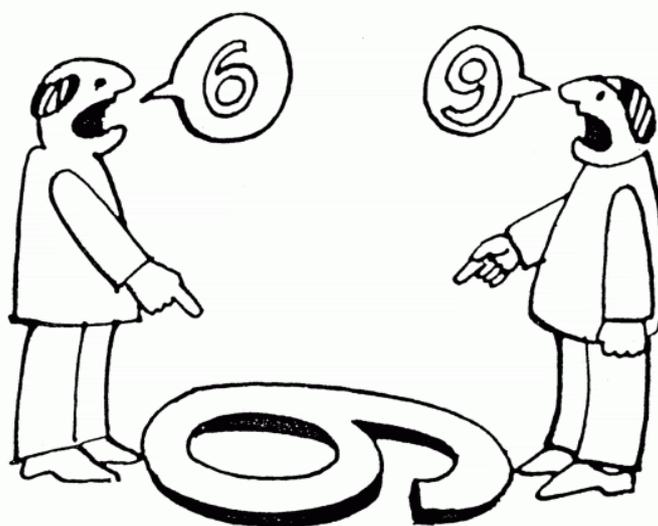
O filme "DANÇA COM LOBOS" é um daqueles filmes que você não pode deixar de assistir. É lindo demais! Também traz uma mensagem extremamente atual, filmes como esse nunca se perdem no espaço-tempo da dinâmica social. Kevin Costner faz o papel de um oficial da cavalaria americana enviado à última fronteira do brávia oeste americano, uma terra indômita e habitada por seres selvagens, os Índios. Vai trabalhar em um posto avançado da fronteira entre o imaginável e o obscuro. Fica fascinado por uma natureza selvagem e tem seu primeiro contato com uma outra civilização: os tão temidos índios. Faz alianças e constrói pontes. Descobre que, assim como os brancos, existem índios perversos e desonestos, mas também há os bons e benevolentes. Começa seu processo de aculturação àquela outra sociedade que, por fim, ele descobre, em muitos aspectos, ser muito mais inteligente e evoluída que a sua, a dos homens brancos. Aprende com pessoas sábias e exercita uma troca de experiências que o leva a terminar o filme não mais como um oficial da nobre cavalaria americana, mas sim índio guerreiro Sioux, orgulhoso de sua nova raça.



O filme aborda através de uma narrativa romântica esse choque de culturas, mas o grande diferencial é que, ao invés de o mocinho, a personagem principal, o oficial da cavalaria americana, tentar, a todo custo, impor sua vontade e seu modo de ser, agir e pensar, o modo do povo civilizado do Leste, ele entende que está diante de seres que vivem e agem e pensam de modo diferente do seu, mas que nem por isso necessitam ser exterminados.

Empatia, a cultura da aceitação à diversidade de pensamento e modo de ser.

A história se repete hoje em dia. Em um novo formato tecnológico sim, mas a cavalaria americana pode muito bem transmutar-se para a sociedade atual.



Vivenciamos, por exemplo, a cultura do cancelamento. Termo alçado à moda pelo fenômeno televisivo BBB. Tudo que não nos é, digamos, palatável, ok, fácil resolver: cancela-se, deleta-se de nossas vidas com um simples clique e agindo assim estamos tornando nosso mundo melhor.

Já cancelamos, por diversos motivos pessoas cultas e simplórias. Belas e feias. Simpáticas e desinteressantes. O rol de nomes é vasto e democrático. Woody Alen, Drauzio Varela, Gabriela Pugliesi, mais recentemente, Karol Konká dentre inúmeros outros nomes que compõe a lista. Cancelados. Extintos.

Um pequeno exercício de consciência: Todos que exercem seu inexorável direito de cancelar, na maioria das vezes em sua vida, já agiram de modo semelhante ao do sujeito agora cancelado. É só buscar nas memórias pessoais, um exercício simples de introspecção. Só que o Tribunal da Internet é cruel e não dá direito à defesa. Principalmente se julgamos o outro e não a nós mesmos. Voltamos ao tempo da alegoria das cavernas (Platão) onde cada ser existia dentro de seu próprio mundo, hoje em dia ditado por algoritmos internéticos e inteligentes. Perdão, resiliência, empatia, discernimento, debate, são valores em baixa. Empoderamento, Cancelamento, Verdades absolutas, descaso e Supremacia estão em alta.



Quando, Kevin Costner, o oficial da cavalaria americana viu os índios ditos selvagens lançarem suas primeiras flechas contra ele e outros brancos, não se sentiu no direito de imediatamente revidar e exterminá-los com potentes espingardas, conduta correta na situação segundo o rígido e severo manual de procedimentos da cavalaria americana, mas não, ele quis primeiro entender a quem realmente aquelas flechas estavam direcionadas. Não eram pessoais, mas continham um recado. Um recado de que haveria luta e resistência, uma luta desigual e inglória pelo direito de ser e existir de acordo com a milenar cultura indígena, naquela terra onde habitavam há séculos, e a recusa fatal em se transformarem em um amontoado de figuras aculturadas, exóticas e caricaturais. Terminou o filme como um guerreiro Sioux. Exerceu seu direito de escolha, após conhecer os dois lados e nos deu uma bela lição de Empatia.

Observar quem dispara e de onde vem as flechas é tornar-se sábio. É resistir. É não ser caricato ou leviano. É saber domar a sombra que nos segue, nós humanos, frágeis e imperfeitos. Brancos, negros e índios, pretos, ricos, pobres mestiços e mulatos, de direita, centro e esquerda, mas não deixa de ser sempre uma projeção, nossas imperfeições, ali, por perto, à espreita, como uma sombra imensa e disforme pronta a nos remeter à escuridão da ignorância.



Texto por Marvalli